

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRA SERIE

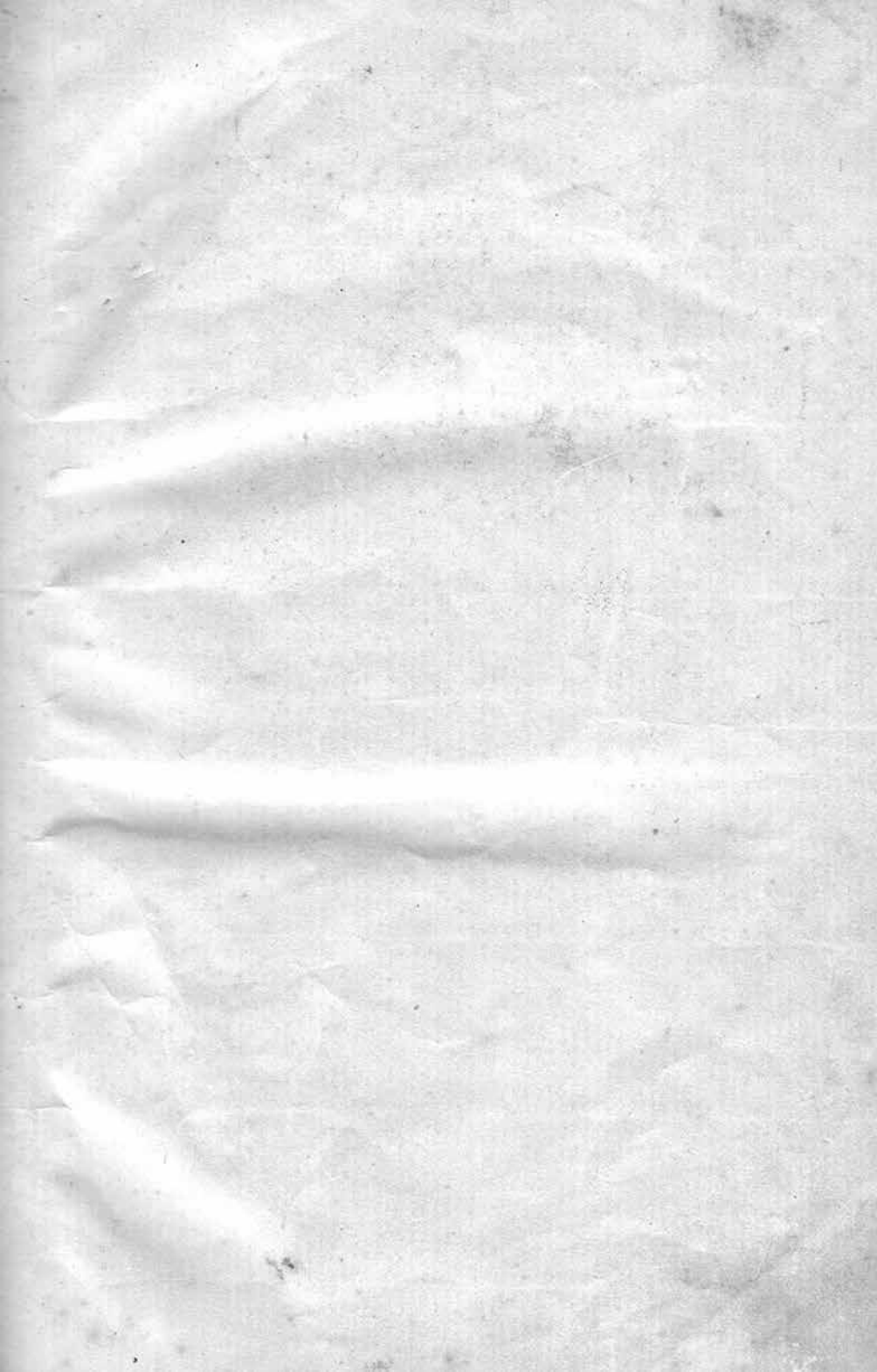
ANNO I AGOSTO 30 N. 2

PORTO ALEGRE

IMPRESA LITTERARIA

1877







S.^R FERMIANO ANTONIO DE ARAUJO

DISTINCTO E INGANÇAVEL PRESIDENTE DO PARTHENON

LITTERARIO.

LULUCHA

(ROMANCE)

III

NA ESTANCIA

Um coliangú cruzou o espaço, desprendendo o pio estridulo e funerario. No momento em que minh'alma havia remontado aos intermundios azues da phantasia, pareceu-me de sinistro presagio a passagem da ave agoureira. Entristeci, e para fugir do lugar que em mim produzira duas impressões tão diametralmente oppostas, rebenqueei o animal, que, em vinte minutos, n'um trote chasqueiro e insupportavel, levou-me á porta da fazenda.

Tambem, chegado ahi, o somno não se fez esperar muito. Dormi melhor do que qualquer Crésó das cinco partes do mundo.

A's primeiras barras do dia saltava da cama e recebia a saudação matutina d'uma curruira que fizera o ninho na tacaniça do telhado.

Logo depois Libindo veio vêr-me e saber de minha saúde.

Era um respeitavel ancião e contava mais de um seculo, cento e dez annos justos. Ao vêl-o ninguem diria que o tempo passára por sua organisação, deixando tão de levemente impresso o cunho de sua acção corrosiva. O porte

não vergará n'esta curva de decadencia physica que sómente abre aos olhos do homem a fauce do sepulchro; nem precisava ainda do bordão de cotia, triste appendice do ultimo quartel da vida

Em nossas cidades, onde a existencia rapidamente se enlanguece e atrophia, onde a atmosphera está carregada de vapores mephíticos, e os varios mysteres reclamão mais exaurimento da seiva vital a favor da intelligencia, individuos com cincoenta annos são mais alquebrados e deprecidos do que o venerando ancião; trazem a fronte cavada de profundos vincos e a epiderme com a côr d'um velho pergaminho.

Construcção secular, como senil ipó, Libindo consubstanciava em si alguma coisa da natureza que o cercava, natureza magistralmente talhada, mostrando em cada segmento de sua face topographica uma contorsão de suprema energia. A physionomia do homem é a physionomia da terra. O homem e a terra se reproduzem nos traços, nas tendencias; manifestão-se mutuamente; pois as mesmas relações, os mesmos laços affins os prendem. O habitante do sertão distingue-se do habitante do pampa ou da savana; o que fez vivenda nas serras e cochilhas differença-se do que vive nos valles ou cahadas, entre banhados e igapós. A estrutura dos campos de Cima da Serra, os amplos contornos cheios de nervuras, saliencias de musculos vigorosos em toda a extenção do terreno, não darião por certo uma raça de pygmeus, enfezada e mesquinha.

Libindo tinha proporções herculeas, e a saúde transbordava-lhe por todos os póros. Apesar de centenario, se fosse preciso, ainda esgrimiria uma espada sem grande esforço, e ginelearia com movimentos faceis e flexiveis. Sua fronte argenteada transluzia o doirado reflexo da consciencia, que, isenta de remorsos, não conhece as lutas tremendas do mundo moral.

Nunca jámais pensei encontrar em toda a cordilheira, esta porção da provincia ainda tão divorciada da civili-

sação, figura mais sympathica e digna de respeito.

— Patricio, disse-me elle, como passou a noite ?

— Muito bem, dormi como raramente em minha vida.

— Não creio. Quem lá deixa a querencia da cidade e vem voluntario metter-se n'uns bamburraes ?

— Eu, meu patricio, eu que lhe invejo a sorte e desejava ter nascido n'este recanto do mundo, onde a existencia sem cuidados deriva como um arroio á sombra das mattãs; eu que tenho aborrecimento aos grandes povoados, fervilhar de vermes na corrupção ! Se eu tivesse nascido aqui... oh! como não fôra mais feliz !

Um sorriso de duvida transpareceu-lhe nas feições.

— Dou-lhe minha palavra, ajuntei.

— Póde ser ; porém lhe asseguro, vai passar mal, meu patricio.

— Será o contrario, ha de vêr. Só com a viajada já me sinto um outro. A enfermidade está em crise, e mais dia, menos dia, será radicalmente debellada.

Depois convidou-me para ir ao leite.

Sahimos. Ainda versatil diluculo banhava o horizonte.

Na mangueira, cuja cerea era de chifres entrançados, peões e escravos tinham madrugado no trabalho. Apenas nos virão fizeram uma alegre saudação.

Um d'entre elles murmurou ao ouvido do companheiro :

— E' um doutor !

Pobre gente ! Para elles — doutor — é a synthese de tudo o que ha de grande, nobre, illustre ; não adunão nem sequer em pensamentos a esta entidade social nenhum máo attributo. Pobre gente ! Como enganão-se na ignorancia de sua simplicidade ! Não emtanto não é erro de instincto. Devia ser como a optica intellectual o apresenta : o homem que estuda devia ser um homem superior em todos os sentidos. Infelizmente entre nós é o contrario ; é uma classe que em sua maioria sahem dos bancos academicos physicamente myopes, moralmente myopes. No verdor da mocidade, quando a alma não se tem oxidado ao bafo deletorio da vida positiva, quando não sentio ainda o fel do odio

e do scepticismo embeberar-lhe as fibras intimas ao contacto d'uma sociedade egoista e corrompida, elles só calculão, só mirão aute si o interesse: na amizade, no amor da familia, no amor da patria, no amor da humanidade. No coração, instrumento sublime e delicado da sensibilidade, não ha para elles senão uma clave: o dinheiro; na razão, pharol que illumina immensos dominios até fóra da esphera sublunar, não deparão senão uma verêda: a ambição.

O sentimento torna-se em suas mãos um algarismo secco e mirrado. A intelligencia é uma fouce para desbravar o caminho até as summidades do poder.

Sahom das academias só com duas idéas fixas: um casamento rico, uma posição politica.

Porque?

Será consequencia do estudo?

Não. Vicio de educação, preconceito de nossos costumes.

O pergaminho apenas fim d'uma aprendizagem é considerado como o *nec plus ultra* da sciencia, a concentração de todas as aptidões. Eis o mal. Por isto vemos crianças ignorantes, inexperientes, que mal podem reger suas proprias paixões, sem a minima pratica dos negocios privados, aspirando já no dia da formatura, e ás vezes antes, a direcção difficil dos negocios publicos.

Porém aonde vou com a digressão, quando tenho necessidade de tirar esta gente do erro em que se acha a meu respeito?

Travei de proposito conversação com um que trouxe-me uma guampa de leite, toda adornada de pratas. O rapaz ao principio acanhado em extremo, em seguida desembaraçou-se e ficou sciente de que eu não passava de um simples mortal, sem pretensões a sabio e muito menos com o titulo de douto.

IV

O DESCORONHADO

Libindo então acercou-se d'um peão e perguntou-lhe :

— Já troucerão o lobuno para o patricio ?

— O lobuno estava na sóga, e ouvindo um tiro, bufou e foi-se d'um prisco campo fóra . . .

— Mas, quem atirou ?

— Creio que foi o Zéca Moxiba.

— Ah! descoronhado ! E agora ?

— Tem o ruano que mandei campeiar. Como sahio hontem á tardinha do piquete, deve estar pelos arredores.

— Mas aquillo lá tem o andar mimoso do outro ?

— Tambem quando o lobuno dá para velhaquear só a papagaio de chilenas !

N'este interim chegava um crioulo com o alazão ruano já encilhado.

Montei e fui dar meu passeio matutino.

O sol dardejava o seu primeiro olhar sobre a estancia do Capão dos Gaitetús ou Taitetos.

Toda a terra nadava em ondas de perfumes e trillos das avesinhas.

O capinzal parecia um manto de velludo verde semeado de aljofares. Os morros aqui e ali recortando a linha do horisonte offerecião um quadro attrahente ao primeiro beijo do arrebol.

A luz aureolava o fastigio de um, onde a vegetação adquiria os toques do mais delicado colorido, contrastando com o aspecto sombrio das escarpas ; em outros, ora banhava em borbotões as faldas, ora passava atravez como uma faixa radiante ; por vezes despenhando-se pelo declive, ia como o rolo da enchente inundar a campina.

Doce bonança pairava sobre o vargado.

O gádo começava a sahir das reboleiras e restingas de mato, onde se arrinconára durante a noite.

Os veados andejos de espaço a espaço erguião a cabeça entre os altos cupins. Nas pyramides dos cupins dispersas pelo campo pequenas corujas carijós pousavão immoveis. Pelos ares cruzavão em demanda de carniça e prêa os urubús e caracarás.

De vez em quando o cavallo refugava ao estridor do vôo das perdizes e codornas que levantavão.

As nhandús passeavão garbosamente sem prestarem a menor attenção a minha passagem, que tambem não foi saudada senão por um bando de seriêmas que pousadas nos esgalhos de uma arvore secca, soltavão o canto de notas agudas, rapidas e metalicas.

Mansas brisas corrião arrufando as folhagens de levemente ; comtudo bastante frescas.

Eu estava satisfeito e a cada peripecia que se dava nas scenas variadas da serra, novos motivos tinha de intimos jubilos. Nem sequer havia um bocejo de tédio, um confrangimento do coração que correspondesse a uma contração dolorosa do pensamento, o esboço d'uma ruga sobre a fronte que aninhasse serios cuidados ; nada d'isto, nada do que eu trouxera em minha bagagem de enfermo, restava mais.

A força medicatriz que a mocidade traz no seio, e a natureza, templo mais vasto e milagroso que um milhão de templos de Epidauro, são os unicos e verdadeiros Esculapios.

Erão elles que mysteriosamente elaboravão minha saúde sem o sequito de recipes e apparatus chimicos.

Esta serie de idéas me assallavão, quando fui interrompido em minhas reflexões por um cavalleiro que vinha a redea solta.

Continúa.

IRIEMA.

TRIBUNA DO PARTHENON

DISCURSO PRONUNCIADO PELO 2.^o ORADOR APÉLLES PORTO ALEGRE NA SESSÃO MAGNA DE 18 DE JUNHO DE 1878

Quem deixa a Arabia e entra na Palestina sente uma profunda emoção. Não a inspira sómente as recordações brilhantes do passado, como também as fundas tristezas do presente.

Se a fronte pensadora do sabio inclina-se meditativa em face de tantas revoluções que tem devastado o solo da inditosa Judéa, a fronte sonhadora do poeta ante o painel de tantas agonias debruça-se abatida sobre a harpa dos sentimentos e lamenta as desgraças do povo de Israel, n'essa terra a que a natureza concedeu um céu carinhoso e a maldade dos homens transformou em cupala de ergastulo de escravos, n'essa terra que é a arca das primitivas tradições do mundo, que é um cofre repleto de thesouros litterarios, tablado de espantosos feilos, filhos da fé religiosa e do amor da patria, scenario de esplendidos triumphos e desastrosas calastrophes.

O' inditosa Judéa ! O' desventurada raça hebréa ! Quem ao folhear as paginas do grande livro de tua historia não sente o coração gemer em ondas de commoção e os olhos transformar-se em rios de lagrimas ? Quem deixará de render um culto de admiração aos monumentos de tua grandeza passada e um tributo de pezar ás tuas misorias presentes ?

1 Vide, n.º 1.

O' Judéa ! Que fadario de bronze te esmaga na propria terra de teu berço, e como é pallido o sol de teu céu de rosas !

O' raça de Israel ! Quando tu choras com a viração que beija o leque das palmeiras do teu patrio ninho, quando tu soluças nos murmures que agitam a copada ramagem dos cedros do teu Libano, a humanidade ri-se satisfeita, vendo-te na frente o estygma d'essa sentença injusta, cujo odio não saciou-se na agonia de dezenove gerações, a humanidade ri-se satisfeita, bate palmas ao teu holocausto, sorri-se ante os funeraes de teu povo, esquecida que a conservação das nacionalidades é uma lei da historia, e que as leis da historia são leis da Providencia !

O' inditôsa Judéa ! O' desventurada raça hebréa ! Quem diria, senhores, que um beijo seria o holocausto de uma raça, o cadafalso de um povo ! Que um beijo, esse favo de mel do amor, tornar-se-hia uma gota de fel do odio . . . Sobre esse dia nefasto, senhores, a ampulheta do tempo tem voltado dezenove seculos, e no entanto a humanidade horrorizada ainda julga ouvir o som do beijo de Judas na tunica de Christo ! O' maldito seja o homem que fez de um beijo — um Calvario — que d'esse favo de mel do amor fez uma cruz ! O' maldito sejas tu, cujo crime atirou uma raça inteira nos braços do exilio e sepultou um povo nas agonias de secular martyrio.

O Judeu Errante da legenda hebraica, bem vêdes, senhores, não é um mytho, é uma verdade historica ; Ashaverus não é um individuo, é uma raça, e prova tambem que, se foi grande o crime do traidor de Christo, maior injustiça foi a punição da culpa, maior crime foi a sentença dos homens.

A sentença dos homens condemnou ao exilio o povo de Israel, arrancou-o de seu ninho natal e espalhou-o pela face da terra ; atirou aos ventos do ostracismo as cinzas de seu lar deserto, profanou o tumulo de seus avós, quebrou seu tabernaculo nacional, despedaçou as taboas de sua i, lançou milhares de martyres nas fogueiras da intole-

rancia catholica, levantou um holocausto e n'elle precipitou a raça hebréa. E no entanto, senhores, essa raça indilôsa, sem patria, sobrevive aos seus martyrios e do pé sobre a hecatomba de seus sacrificios, altiva como o cedro de suas florestas, desafia a intolerancia da curia romana e a colera do Vaticano, bradando com força: — Mundo ignavo, gerações malditas, a raça hebréa ainda não morreu! A raça hebréa no exilio, no tumulo é immortal!

Porque, senhores, esse povo sem patria, sem bandeira, que existe espalhado no mundo, vivendo á sombra da hospitalidade estrangeira, ainda não desapareceu da face da terra? Por ventura não será isto um triumpho devido aos florões brilhantes de sua litteratura?

E' innegavel... A litteratura hebraica é a taboa salvadora do naufragio do povo de Israel, litteratura esplendida que brilhou na historia, na poesia e na eloquência que são as tres musas mais sublimes das lettras.

A musa da historia que magestosa encarna-se nas narrativas do Pentateucho, nos livros de Josué, dos Juizes e dos Reis, nos Paralipomenos, nos de Esdras e na gloriosa colleção de livros votados aos fastos nacionaes, que tem por ultima estrophe o que registra o valor heroico e extremado patriotismo dos Machabeus.

A musa da poesia e da eloquencia hebraica legou ás gerações posterias preciosos e immortaes modelos, nos psalmos de David, no Cantico dos Canticos de Salomão, nas lamentações de Jeremias e n'essas invectivas ameaçadoras dos prophetas, onde a eloquencia scintilla com um brilho que fascina, com uma energia e fortaleza que abala e comove, que eleva e abate.

Deixai o Oriente e lançai um golpe de vista ás lettras do mundo Occidental, e vereis quanto é profunda essa verdade que a litteratura é tão necessaria á vida das nações, assim como a instrucção, a educação do espirito é imprescindivel á vida do homem.

No Occidente a Grecia e Roma são as duas entidades que representam a historia litteraria da antiguidade.

A Grecia moderna no mundo actual não é mais do que uma nesga de terra sem importancia geographica, uma nação sem merecimento politico, mas sem essas qualidades que fazem a grandeza das nações. A Grecia por seu passado glorioso converteu seu solo em um templo, onde todos os povos cultos tem ido queimar incenso nas aras de suas lettras, templo de passada gloria, scenario vasto, onde o perpassar dos seculos não tem podido obscurecer a grandeza d'esses heróes, cujo somno eterno é interrompido constantemente pelo estrepito das palmas e ovações que seus feitos arrancão das gerações de todos os tempos.

Quem, senhores, anima esse passado remoto, quebra a mudez dos cemiterios, levanta com o sopro da vida esses esqueletos adormecidos em suas campas para vir mostrar-los ao olhar avido do mundo admirado? Quem faz tudo isto, senão a litteratura?

O que seria a luta de Gregos e Troyanos, o valor de Achylles e a sabedoria de Ulysses, se o genio de Homero não tivesse burilado no marmore imperecível da epopéa a grandeza d'esse drama que não teria por certo esse renome, se sua immortalidade não fosse vazada no molde da Illiada e da Odysseá?

Quem acreditaria na grandeza d'essa esplendida Marathon, n'esse glorioso holocausto das Thermopylas, n'esse fecundo e brilhante triumpho de Salamina, n'esses feitos estrondosas de Platéas e Mycala, se a historia pela voz de Herodoto não garantisse a veracidade d'esses factos, e não nos provasse conhecer os nomes d'esses bravos que sempre forão prodigòs de amor para com a patria que nem sempre foi grata de affectos para com elles; se a historia não nos dissesse que o ostracismo matou Milciades no desterro e que Temistocles no exilio preferio attentar contra sua propria vida a ser forçado a attentar contra a existencia de sua ingrata, mas amada patria?

Quem penetraria os mysteriosos areanos da politica pouco escrupulosa de Philippe de Macedonia, se as philipicas de Demosthenes não lançassem a luz sobre os projectos do

ambicioso monarcha? Quem revellaria a corrupção d'essa gloriosa Athenas, se os discursos da Corôa de Eschimo e de seu illustre adversario não pozessem em relevo a degradação do povo athênienze? Quem nos contaria essas sublimes batalhas tribunicias feridas entre a democracia e a aristocracia, se não existissem as orações de Phocion e de Demosthenes? Quem julgaria o nobre character do grande orador grego, se a eloquencia em lagrimas não dissesse que o ullimo suspiro do grande tribuno tambem foi o ultimo suspiro da democracia grega? E isto, senhores, uma verdade profunda; a eloquencia morre nos labios de um povo, quando no coração d'esse povo extingue-se a ultima sentença do amor da liberdade.

A litteratura latina, senhores, é inferior á grega; o povo rei, não possui a riqueza de imaginação da raça hellena, não soube crear estes primores do genio que a Grecia legou á posteridade e que ainda hoje servem de modello á geração actual; tudo isto é verdade; mas, quando onço glorificar-se virtudes marciaes de Roma, atirando ao desprezo o merecimento das letras latinas, sinto minha consciencia revoltar-se em seu fôro intimo e ordenar-me que com a palavra lavre um protesto em nome da razão humilhada, em nome do espirito vilipendiado com o unico fim de laurcar-se os triumphos ephemeros da materia.

Pois que? Roma a conquistadora, Roma armada, destruindo povos e apagando as raças das nacionalidades pode ser mais gloriosa do que Roma litteraria, elevando o homem pela intelligencia, e sublimando Deos pela religião da virtude e do trabalho?

Não, senhores, não pôde ser . . . e embora os apologistas da força divinizem a phrase de Brenno — Ai dos vencidos; embora lancem o sarcasmo do ridiculo sobre os laureis litterarios; embora cubrão de baldões os homens de letras, jámais poderão negar que a gloria de Mummio, incendiando Corintho, não vale uma estrophe da Eneida de Virgilio; que o feito estrondoso de Scipião Emillano, destruindo Carthago, não vale uma oração de Cicero; que os

louros sangrentos de Mario e Silla não valem uma pagina de Tacito ou Tito Livio.

A idade média é um cadinho, onde fundirão-se os povos barbaros, para d'essa fusão de elementos tão heterogeneos sahir o molde das nações modernas; n'essa grande evolução que devia refundir o que as invasões barbaras tinham anniquilado, n'essa grande labutação que devia reedificar o que havia sido destruido, a litteratura não deixou de pugnar pelo futuro intellectual da humanidade, e pleiteou com Theodorico e Carlos Magno, com a escolastica e o triumvirato litterario, encarnado em Dante, Petrarca e Boetio, e mais ainda com a imprensa, com o invento de Gutenberg que tentou com as luzes da instrucção espantar as trevas da ignorancia, que ennegrecião o céu da média idade, embora nos mysteriosos decretos da Providencia ao mundo moderno fosse reservado o poder de apagar as nevas d'esses tempos de barbaria com os magicos esplendores da Renascença.

A Renascença é um mundo, senhores, é a immortalidade de uma geração vasada no molde de um seculo. A Renascença, que foi contemporanea da Jerusalem libertada, de Tasso, e dos Lusíadas de Camões, do D. Quichote de Cervantes, e do Othello de Shakspeare, da historia Universal de Thon, e do tratado de Astronomia de Copernico, não satisfeita de ver sua glorificação encarnada em tão grandes monumentos, quiz attingir o apogeu da gloria, dando vida á Luthero que foi tão grande, arrancando das mãos do despotismo theocratico a liberdade de consciencia, como foi grande Colombo, arrancando da immensidade do oceano o Novo Mundo.

Os seculos XVII e XVIII são a encarnação brilhante do espirito moderno, suas aspirações e conquistas desvendão novos horisontes, e a actividade humana levanta um grandioso scenario, onde o braço e a espada são substituidos pelo pensamento e a palavra.

A propaganda reformadora, pregada por Montesquieu, Rousseau, Voltaire e a Encyclopedia revela quanto a in-

Intelligencia ó forte e grande em seus campos de batalhas, quanto é fecunda em suas lutas gloriosas ; essa propaganda reformadora prova mais uma vez que a penna não vale menos que a maça do vencedor da hydra de Lerna ; porque, senhores, se foi gloria o braço do Hercules mythologico quebrar no Cauca-so as cadeas de Prometheu, vencendo o poder dos deuses do Olympo, mais glorioso foi o pensamento dos escriptores do seculo dezoito prégando essa cruzada do direito, que devia traduzir-se tão eloquentemente no celebre juramento do jogo da Péla, onde a soberania popular victoriosa deu á França e ao mundo uma constituição que proclamou os direitos do homem, despedaçando esses privilegios feudaes, ferindo de frente o direito divino d'essa realeza absoluta, que sepultou-se nas ruinas d'essa Bastilha derrocada, que fôra o baluarte do Despotismo, e que a justiça da Providencia condemnou tambem a ser a urna funeraria da historia lúgubre de seu opprobrio, de sua estrondosa queda e de seus espantosos crimes.

Foi esplêndido esse triumpho ; a penna dos reformadores do seculo dezoito quebrou as algemas de uma raça de Prometheus, emquanto que a espada do Duquo de Branswich, que por ordem da Prussia desembainhara se com o unico fim de púgnar polo rei, escravizando o povo, só servio para cortar a mortalha d'esse rei martyr, que á delicacão prussiana fez subir mais depressa ao cádafalo, para sellar com seu sangue o doloroso, mas legítimo triumpho da democracia ; o sangrento, mas grandioso triumpho da liberdade,

O nosso seculo, senhores, que despertou ao troar do canhão, cujo berço teve por auras carinhosas o fumo das batalhas, que teve uma infancia povoada de terrores, condemnada á ouvir o estampido da metralha, o horror e a confusão do combate, os lamentos dos feridos, os suspiros dos moribundos, os gemidos e soluços dos vivos aterrados por essa conflagração geral que abalou toda a Europa, o nosso seculo, ante espectáculo tão medonho em plena ado-

Iescencia, rasgou a túnica de Nessus que o herde de com batalhas tinha atirado-lhe nos hombros, e caminhou escravo de uma missão desde o gelo da Russia até as brumas da Allemanha; de de os muro: Leipsick, até ás planicies de Waterloo, vasto tablado, onde ferio-se essa temerosa batalha que o mundo outra igual não vira, como esta tão fecunda em consequencias brilhantes. E quando Napoleão, baqueando do alto da columna Vendôme, perguntou ao vencedor: -- Quem és tu, poder desconhecido, que desfolhas em minha frente os louros de Marengo e Austerlitz, e apagas de meu espirito o fogo do genio, que foi a inspiração de cem victorias? Diz a philosophia da historia que entre os hymnos do triumpho uma voz ergueu-se, bradando: -- Napoleão Boa parte o teu vencedor não é Wellington, nem Blucher; não é a Inglaterra nem a Prussia sou eu o seculo XIX, que ordeno ao soldado coroado da revolução franceza, que entregue e renda sua espada ao — Direito internacional da Europa.

A batalha de Waterloo caracteriza o seculo XIX, as violencias da espada cahem vencidas ante os raciocinios da razão, assim como a logica do canhão emmudece ante a logica do direito das nações.

O seculo XVI, cõbatendo o despotismo theocratico, conquistou a liberdade de consciencia, queimando na praça de Vitemberg a bula de excommunhão do papa Leão X; o seculo XVIII rompendo com os prejuizos feudaes, fez da Bastilha um combro de ruinas, para alcançar a liberdade politica do cidadão; o seculo XIX, batendo-se com a força bruta nas planicies de Waterloo, proclamou a supremacia da intelligencia, e desde então as lettras contemporaneas florescem com tanto esplendor, que a instrucção popular tornou-se uma divisa nacional na bandeira de todos os povos, assim como o estudo, o trabalho e a virtude são os brazões da aristocracia moderna, que ninguem distingue pela pompa do titulo nobiliario, mas sim pelo brilho das qualidades moraes, são os dogmas da religião dos homens de bem, que ninguem distingue pela posição e pela fortuna, mas sim

pela nobreza de sentimentos, e pela independência de caracter.

Uma chispa luminosa do esplendor litterario d'este seculo veio bater nas terras do Rio Grande do Sul, e esse raio de luz, senhores, foi a crysalida que fecundou o *Parthenon Litterario*.

Ha oito annos que o *Parthenon* luta em prol de sua missão gloriosa; ha oito annos que pleitea pelo deenvolvimento litterario de nosso berço natal; nas paginas de sua *Revista*, na palavra de sua tribuna, com o esforço de seus obreiros, mas dedicados obreiros, e esforço que tem-se revelado na formação de uma bibliotheca que satisfaça a necessidade intellectual de nossa cidade, na instituição das Aulas Nocturnas que espalha gratuitamente o ensino entre as classes pobres, e na criação de um Museu, que deve colleccionar as riquezas naturaes de nossa opulenta provincia.

Eis, senhores, a historia modesta de nosso passado... os factos estão patentes; meu dever era expol-os á vossa apreciação, á vós compete agora julgal-os.

Senhores... E' tarde... demais tenho abuzado de vossa benevola attenção, devo concluir; mas antes de fazel-o, sinto não poder traduzir a gratidão do *Parthenon* para com a sua irmã de letras a sociedade *Ensaio Litterarios*, senão em palavra rude e toca, mas consola-me a convicção de que seu illustre orgão aceitará no amplexo fraterno que envio-lhe d'esta tribuna, os nossos sinceros agradecimentos que são a expressão de nossa cordial sympathia.

Tambem a vós, senhoras e senhores, que representaes n'esta sala a opinião do Rio Grande do Sul, tambem a vós um tributo de veneração, um voto de respeito pelo generoso auxilio que jamais soube de negar ao *Parthenon Litterario*, auxilio que tem sido para nós a inspiração de todos os nossos triumphos, que tem sido o pharol que tem guiado a caravana da mocidade atravez os desertos, atravez os espinhos de sua affanosa romagem á victoria nos campos

de batalha do presente, como ainda um dia ha de a vossa valioza cooperação ajudar-nos á alcançar os trophéos do futuro, do futuro, senhores, que hade ser o germen fecundador das grandes conquistas do espirito pela intelligencia, das grandes conquistas do direito pela liberdade, das grandes conquistas da razão pela democracia.

Quando o povo, senhores, veste galas para solemnisar o anniversario de um dia como o de hoje, quando o povo resplende de jubilo em uma festa como esta, é uma prova evidente de que esse dia e essa festa symbolisãm um triumpho do progresso e da civilização significãm uma victoria esplendida que é mais uma pagina brilhante na historia de uma nação, que é mais um florão diamantino, luzindo na frente laureada da humanidade.

Exulta, *Parthenon Litterario!* A sympathia da opinião publica e as galas do povo d'esta terra gloriosa, estão dizendo que 18 de Junho é uma data nacional que ornamenta os fastos da historia patria e que tu és, *Parthenon*, mais um batalhador que pela dedicação de teu passado e do teu presente tens direito á bênçãos do futuro, tens jus aos applausos da posteridade.

Exulta, Rio Grande do Sul! Vasto tablado do heroismo, onde o valor de teu soldado é tão grandio como o pampeiro de tuas savanas, exulta! Rio Grande, porque se a lança de teus filhos é a que mais epopéas tem burilado nos fastos da historia patria, o talento de teus grandes homens, o civismo de teu grande povo e os triumphos de tua gloriosa mocidade não valem menos do que os feitos de teus bravos, do que as legendas de teus heróes; Rio Grande, exulta, terra de meu berço, porque pelas victorias de teu passado e pelos trophéos de teu presente tu és a mais bella, a mais scintillante e trela da constellação do Cruzeiro.

Exulta Brazil! Patria amada — o dia de hoje é uma data de tua historia, esta festa um banquete de tua civilização. Brazil — tu que és gigante americano pela grandeza de teu solo tambem precisas sel-o pela grandeza de tua civilização; o *Parthenon* entende assim, e esta festa littera-

ria significa o tributo nacional que a mocidade rio-grandense sacrifica nas aras de teu santo labernaculo ; acceita com affecto, Brazil; o modesto obulo de nosso patriotismo ; acceita com affecto, que tu, ó patria, por teus titulos gloriosos, por tudo quanto tens de grande e de nobre, tu serás sempre para nós o ideal de todos os triumphos, tu serás ó patria, a noiva gentil de nossa mocidade e nós juramos pela fé do passado votar a ti, sempre a ti, os nossos amores, a ti, patria que em todos os grandiosos commettimentos de teus filhos és e serás eternamente a musa santa do enthusiasmo, o verbo divino da gloria e a inspiração sagrada da liberdade.

O CÉO

Abobada excelsa que envolves a terra
E abranges milhares de mundos immensos,
Quem deu-te os encantos que a alma extasião?
Quem deu-te as estrellas de brilhos intensos?

Quem foi que esse globo de côr pallecente
Formou nos espaços de luz te inundando?
Quem deu-te essa chamma que a vida alimenta
Seus raios fulgentes á terra enviando?

Quem és tu que m'enlevas, se fito-te limpidio
Ou mesmo coberto de negros balcões?
Quem deu-te a pureza que ás vezes reflectes,
Quem deu-te coriscos, horriveis trovões?

Se corre uma nuvem mais alva que a neve
No plaino azulado que mostras á terra,
Eu sinto que a alma repleta de jubilo
Mil cantos desata, meus labios descerra.

Se á tarde te vejo franjado de oiro
Os tuares tingindo de rubros fulgôres,
Meu ser vai prender-se nos raios que envias,
Perdido em scismares, immerso em tristôres.

E á hora em que as gottas de orvalho humedecem
O collo das flôres, as verdes campinas,
As galas que mostras de tantos primores
Se casão co'as brisas, co'as louras boninas.

Meu seio dilata-se ao múrmur das aguas
Da brisa no cicio nos bosques e selvas,
E mudo admiro de varios matizes
O immenso tapete, composto de relvas.

Saudão-te as aves em cantos festivos
Se a aurora desponha corando-te a face,
Sorri-se a natura vestindo mil galas,
Expande mais vida teu brilho vivace.

Abobada excelsa que envolves a terra,

Eu curvo-me vendo teus plainos immensos ;
E crente pergunto fitando os espaços
Quem deu-te as estrellas de brilhos intensos?

IRIS.

O INVERNO

No mais escuro do bosque,
No mais cerrado da fronde,
Ahi a rola se esconde
Para seus males chorar ;
Triste carpe a pobresinha,
E a cada folha que treme,
Abre seu peito que geme,
Como as ondinhas do mar.

No serroas aguas já crescem,
Murchão as fiores nos campos ;
E á noite mil pyrilampos
Vem a terra illuminar ;
São fragmentos de estrellas,
Pedacos de nebulosas,
Existencias descuidosas,
Que p'ra o céu hão de voltar.

Em tudo vê-se a tristeza,
Quer de noite, quer de dia ;
Na selva a doce harmonia
Das avesinhas morreu.
A natureza succumbe,
Veste o crepe mortuario,
E' a sina, é o fadario
Que a Providencia lhe deu.

O céu se peja de nuvens,
O sol o brilho já perde ;
Da collina o manto verde
Toma a alvura do crystal.
Do firmamento nos tufos
Vivem á espreita as estrellas—
São recatadas donzellas,
Fechão os olhos ao mal.

O anil do rio escurece,
E na onda turva que embala,
Sem ter destino resvala
O botão de nenuphar,
Aonde irá ?!... Ninguem sabe!
Vai tristonho e solitario
Cumprindo eruel fadario
Até um dia murchar.

A tenue franja que borda
Dos arvoredos a rama,
Já não sente a doce chamma
Do sol quente do verão,
O vento frio da noite
As folhas vão já sentindo,
E dos galhos vão cahindo,
Mal bafeja a viração.

As ondinhas vão longe
Batidas do vento frio,
Deixão o aspecto sombrio
Deste céu de negra côr,
Vão embusca de outros climas,

De outas paragens estranhas,
D'outro sol, d'outras montanhas,
De mais vida e mais calor.

MANFREDO.

RAMO DE ALFENIM

Dalia formosa,
Flôr de minh'alma
No jardim,
Ganhaste a palma
Que ha n'este — ramo
De alfenim.

Outra que, ha muito,
Reinar intenta
Sobre mim,
De amor sedenta,
Deu-me este — ramo
De alfenim.

Eu, que fui sempre
— Fidelidade —
(Sou assim!...)
D'essa beldade,
Fiquei c'o — ramo
De alfenim —

Mas fiz de prompto,
Saber a ella,
— Cherubim —
Que á minha bella,
Daria o — ramo
De alfenim.

Jurou, vingada
Por sua vida,
Ser em fim;
Mas eu, querida,
Guardei o — ramo
De alfenim.

E venho agora,
Flôr de minh'alma
No jardim,
Render-te a palma,
Que ha n'esto ramo
De alfenim.

1868

A. da LUZ.

CHRONICA

THEATRO. — A « União Militar » representou o « Ghigi » na noite de 14 do corrente.

Nada podemos dizer sobre o desempenho do mesmo, porque não assistimos ao espectáculo.

A « União » ensaiou um drama de costumes militares para levar á scena no dia 7 de Setembro, em honra da gloriosa data, que commemora o anniversario do esplendido triumpho que conquistou para a nação brasileira a sua emancipação politica.

A « Luso-Brazileiro », segundo nos consta, tambem dá um espectáculo no dia 6, representando o drama de Castello Branco « Purgatorio e Paraizo ».

Applaudimos de coração o nobre enthusiasmo das duas associações em prol da causa que advogão, só lamentamos que na escolha de repertorio não seja dada a preferencia aos dramas nacionaes.

Desculpem-nos a franqueza; essa indiferença para o que é da patria, esse desprezo atirado á face da musa nacional é imperdoavel, quando parte d'aquelles em quem o fogo sagrado do patriotismo dev ser mais intenso, quando parte da juventude, da mocidade, em cuja dedicação, em cujo civismo palpita o futuro esplendido d'esta terra brazileira.

Essa indiferença calla fortemente em nosso animo, por isso alhamos hoje e insistiremos sempre, sobre esse facto, porque esse desprezo anti-patriotico é uma verdade que encerra um mundo de descrença, cujas consequencias trarão em tempo, não mui remoto, a completa mudez da musa dramatica do Brazil.

Para que theatro hão de escrever os escriptores brazileiros, quando o nosso fechar suas portas aos trabalhos de nossos patricios?

E' bem velho, mas sempre rico de verdade, o proverbio que diz: « Ninguem é propheta em sua terra. »

Pobres dramaturgos brazileiros, só vos resta o recurso, ou de quebrardes vossas pennas, ou de escreverdes para os theatros da China ou Hottentotia...

UNIÃO ESCOLAR. — Temos a annunciar aos nossos leitores a fundação de mais uma sociedade dramatica e de mais um espectáculo que realizou-se no ultimo domingo da quinzena.

A « União Escolar » estreou no salão da Luso, com o drama « Segredos do coração », trabalho do illustre Sr. Sá e Brito e a comedia « O esquecido » do intelligente moço o Sr. Arthur Rocha.

O espectáculo da « União Escolar » foi em beneficio da aula de musica do Curso Nocturno, instituição esta, cujos serviços em favor da instrucção popular são incontestaveis.

O trabalho dos jovens que tomarão parte no desempenho do drama, foi muito bom para amadores.

Nós felicitamos o autor da idéa feliz do espectáculo e da applicação de seu producto em favor de uma instituição tão util e necessaria.

SARÃO. — Esta festa litteraria e artistica realison-se no dia 14 do corrente no salão da « Soirée ».

A's nove horas da noite, occupou a tribuna o Sr. Frederico Villeroy, desenvolvendo a sua preleção sobre a these: — A missão da mulher.

Mais uma vez deu o Sr. Villeroy uma prova brilhante de seu talento e sua illustração, colhendo mais um florão para sua fronte já ricamente lousos litterarios.

A preleção do illustre orador é uma das mais bellas que tem-se feito no « Parthenon Litterario »; porque seu discurso não foi sómente notavel pela belleza da dicção, como tambem pela profundidade de argumentos. O orador soube aproveitar e reunir o bello, o gracioso da phantasia do poeta, ao util, ao verdadeiro e real da razão do philosopho.

O Sr. Villeroy combateu com força essa mal entendida emancipação da mulher que, se um dia triumphar, ha de trazer o completo aniquilamento da familia e da patria.

O orador não é inimigo da illustração da mulher, pelo contrario, quer que ella se a instruida, porque assim melhor preencherá sua grandiosa missão; mas não entende, nem admittê que todas as profissões sejam consentaneas com o sexo feminino. Julga, e com muita razão, que algumas ha, que exercidas pela mulher, estarião em contradicção com o proprio sexo.

O orador foi ouvido com muita attenção e suas idéas bem accitadas pela maioria do auditorio.

Saudamos tambem por nossa vez o Sr. Villeroy.

A parte musical do sarão teve brilhante desempenho nas distinctas cantoras as Exmas. Sras. DD. Cissiana de Azambu a e Herminia Rondelli, e nos Srs. Stoll e Mac Farink.

Encerrada a parte musical, começou o baile, que prolongou-se animadissimo até ás 3 horas da madrugada.

A commissão do sarão é digna de todos os elogios; nós a complimentamos.

SOIRÉE. — Anda infeliz a « Soirée »...

O baile correspondente ao mez do Agosto esteve muito chûcho.

O salão da « Soirée » apresentava o aspecto de um velho patacho desarvorado em pleno mar, com alguns desgraçados bradando soccorro...

Tinha vinte e dois pares!! isso mesmo, por muito favor e com o auxilio da « reserva »...

Será sina da « Soirée »!?

E' na verdade um triste fadario dar baile com o salão vazio...

Pobre « Soirée »!... Deus lhe falle n'alma e perdõe os seus peccados.

10 de Agosto de 1877.

APELLES PORTO ALEGRE.